



## ENTRE NIETZSCHE E CAMUS: NIILISMO E ABSURDO

### CAMUS AND NIETZSCHE: THE RELATIONSHIP BETWEEN NIHILISM AND ABSURD

*Michelle Ferreira de Lima<sup>1</sup>*

**RESUMO** Essa pesquisa tem como objetivo descrever os conceitos de niilismo e absurdo com referência em Nietzsche e Albert Camus. No pensamento nietzschiano o niilismo surge primeiramente como sintoma da derrocada de sentido e corrosão dos valores da tradição. O niilismo existencial demonstra a morte dos valores e o surgimento do absurdo, já que o humano sente dificuldade em se tornar criador do sentido. Com a morte de Deus, de crenças, de verdade absoluta, deriva o niilismo que é resultante da morte desses valores, em consequência, advém o absurdo, pois embora não exista sentido ou propósito para a vida, o humano ainda anseia por isso. Deste modo, a pesquisa inicialmente aborda o niilismo sob a perspectiva nietzschiana, no segundo momento, apresenta-se a aproximação entre niilismo e absurdo; e no terceiro momento, demonstra-se a arte como possível saída ao problema do niilismo tanto em Nietzsche como em Camus.

Palavras-chave: Niilismo. Morte de Deus. Absurdo.

**ABSTRACT:** This research aims to describe the concepts of nihilism and absurdity with reference to Nietzsche and Albert Camus. In Nietzsche's thought, nihilism appears primarily as a symptom of the collapse of meaning and erosion of the values of tradition. Existential nihilism demonstrates the death of values and the emergence of the absurd, since the human finds it difficult to become the creator of meaning. With the death of God, of beliefs, of absolute truth, comes the nihilism that results from the death of these values, consequently, comes the absurd, because although there is no meaning or purpose for life, the human still yearns for it. Thus, the research initially approaches nihilism from the Nietzschean perspective, in the second moment, the approximation between nihilism and absurdity is presented; and in the third moment, art is shown as a possible way out of the problem of nihilism in both Nietzsche and Camus.

**Keywords:** Nihilism. Death of God. Absurd.

## INTRODUÇÃO

A ausência de sentido advinda da dissolução de crenças gera o sentimento de vazio na existência com a perda de valor, sentido ou finalidade. O niilismo existencial demonstra a morte dos valores e o surgimento do absurdo, já que o homem sente dificuldade em se tornar

---

<sup>1</sup> Mestra em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. E-mail: filosofia.michelle@yahoo.com.br



Artigo publicado em acesso aberto sob a licença Creative Commons Attribution 4.0 International Licence.



criador do sentido. O niilismo que pode ser caracterizado pela frase “Deus morreu”, torna-se indicativo de que a moral precisa de novos fundamentos: “Em poucas palavras, o niilismo é o processo pelo qual os valores fundamentais da metafísica se revelam infundados e como tais se aniquilam em sua total inconsistência filosófica” (BRAGA, 2011, p. 27). Desse fato, diante de uma decadência irreversível e a fim de evitar uma derrocada total, resulta a abertura para a reconstrução de uma comunidade de indivíduos livres, criadores de si. É nesse sentido que ocorre uma passagem do espírito para o sensível, para a vida terrena, como demonstrado por Nietzsche, pois, em sua filosofia, a arte surge como celebração da vida: traduz o prazer de existir, tal como afirma Zaratustra, é preciso encarar e valorar a existência terrestre.

Camus como leitor de Nietzsche, entende a absurdidade da existência como fator que traduz lucidez acerca da realidade humana, evitando, assim, que se sucumba ao suicídio ou ao niilismo. Dessa forma, o pensador faz um diagnóstico da contemporaneidade e o traduz por meio das suas obras, apresentando a ideia de revolta como responsabilidade e engajamento, como criação de universos que enfrentam o absurdo e o niilismo, por meio da arte.

### **Niilismo e Absurdo**

O termo niilismo na concepção de Nietzsche é visto como diagnóstico da doença ou estado de crise do homem ocidental, portanto: “O niilismo não é para o filósofo a conclusão de uma análise conceitual, mas a condição vivida e assumida de uma crítica genealógica radical que nunca ainda tinha sido levada a seu termo” (LEFRANC, 2005, p. 200). Nesse sentido, Nietzsche afirma: “Eu descrevo o que virá: o advento do niilismo. Tenho aqui o que descrever, porque aqui se produz algo de necessário – os sinais disso estão em todo lugar manifestos, somente faltam ainda os olhos para estes sinais” (NIETZSCHE, 2003, XIII 11[119]250-251). Franco Volpi na obra *O Niilismo* (1996), afirma que a morte de Deus representa a derrocada dos valores tradicionais, e se torna o fio condutor para a interpretação da história ocidental como decadência e como análise crítica do presente. Partindo desse cenário, Nietzsche denominará esse processo histórico como “niilismo”:

O niilismo é, pois, a “falta de sentido” que desponta quando desaparece o poder vinculante das respostas tradicionais ao porquê da vida e do ser. É o que ocorre ao longo do processo histórico no decorrer do qual os supremos valores tradicionais que ofereciam resposta àquele “para quê?” – Deus, a Verdade, o Bem – perdem seu



valor e perecem, gerando a condição de “ausência de sentido” em que se encontra a humanidade contemporânea. (VOLPI, 1999, p. 55-56)

Assim, a morte de Deus é assumida como a perda total de sentido, pois, os valores e crenças que anteriormente orientavam a vida, não são reconhecidos. Trata-se, por isso, não apenas de um acontecimento próprio da modernidade, mas de um longo processo que remonta às bases mais primordiais da cultura ocidental:

Um dos pontos centrais da filosofia nietzscheana diz respeito à crítica daquilo que ele entende como “modernidade” e que, no limite, não representa apenas um tempo histórico, mas um longo processo de adoecimento da cultura que remonta às raízes do movimento socrático. (OLIVEIRA, 2010, p. 31)

Ao realizar esse diagnóstico da modernidade, Nietzsche aponta o niilismo como resultante dessa derrocada dos valores e crenças. Afirmar a morte de Deus implica dizer: “o mundo suprasensível não tem poder eficiente. Encarando-o como ilusório, é levado a considerar verdadeiro o mundo sensível” (MARTON, 1997, p. 45)<sup>2</sup>. Então, o niilismo que pode ser caracterizado pela frase “Deus morreu”, torna-se indicativa de que a moral precisava de novos fundamentos: “Em poucas palavras, o niilismo é o processo pelo qual os valores fundamentais da metafísica se revelam infundados e como tais se aniquilam em sua total inconsistência filosófica” (BRAGA, 2011, p. 27). Desse fato, diante de uma decadência irreversível e a fim de evitar uma derrocada total, resulta a abertura para a reconstrução de uma comunidade de indivíduos livres, criadores de si. Com *Assim Falou Zaratustra*, Nietzsche anuncia o momento de inverter a forma de valorar a vida, pois, o que deveria ser estimado, deveria ser a terra e não mais o além mundo (Cf. MELO NETO, 2017, p. 76). Nesse sentido Zaratustra ensina:

Sim, esse Eu, e a contradição e confusão do Eu, é ainda quem mais honestamente fala do seu ser, esse Eu criador, querente, valorador, que é a medida e o valor das coisas. E esse honestíssimo ser, o Eu -, fala do corpo e quer ainda o corpo, mesmo quando poetiza, sonha e esvoeja com asas partidas. Cada vez mais honestamente aprende ele a falar, o Eu: e, quanto mais aprende, tanto mais palavras e homenagens encontra para o corpo e a terra. Um novo orgulho me ensinou meu Eu, que ensino aos homens: não mais enfiar a cabeça na areia das coisas celestiais, mas leva-la livremente, uma cabeça terrena, que cria sentido na terra! (NIETZSCHE, 2011, p. 33)

<sup>2</sup> MARTON, S. Prefácio. In. MÜLLER-LAUTER. *A Doutrina da Vontade de Poder em Nietzsche*.

Revista Paranaense de Filosofia, v. 2, n. 2, p. 124 – 135, Jul./Dez., 2022.

ISSN: 2763-9657

Universidade Estadual do Paraná



Desse modo, o humano se torna edificador, ao criar um sentido na terra permeado por um olhar de honestidade acerca da sua condição, ainda que ela se apresente de modo precária.

Após o vazio deixado pela morte de Deus<sup>3</sup>, uma clarividência surge quando o niilismo se radicaliza através da questão: “ou o homem é sadio em seus instintos mais profundos e nega o mundo de suas venerações, ou ele será vitimado pelo niilismo”. (ARALDI, 2004, p. 77). Objetivando acentuar a necessidade da ascensão e radicalização do niilismo, são enunciados quatro momentos: a ascensão do niilismo, a necessidade do niilismo, a autossuperação do niilismo e, por fim, o período de divisão entre vencedores e vencidos.

Como processo de declínio, o niilismo é pensado por Nietzsche na perspectiva da radicalização, tal processo é construído em três momentos, a saber, o primeiro como niilismo incompleto, o segundo como niilismo completo (niilismo ativo e passivo), e o terceiro como niilismo radical ou extremo, o qual pode ser visto como última fase do niilismo. No seu limite máximo, com o pensamento supremo afirmativo – o eterno retorno do mesmo.

De acordo com Araldi (2004), o niilismo incompleto traduz as tentativas modernas de anexar o niilismo sem transvalorar os valores niilistas da gênese, nesse sentido, existem a tentativa de preservação dos valores antigos e, em meio ao esvaziamento de sentido, buscam-se alentos metafísicos, artísticos e morais ou mesmo apoio no progresso, na racionalidade, na ciência ou na democracia. No niilismo completo, por sua vez, os valores superiores se desvalorizam e ele é manifesto de modo ambíguo: como *niilismo ativo* significante de intensificação do poder de força de destruição, e *niilismo passivo* como esgotamento do poder, como aspiração ao nada onde predominam sentimentos de compaixão e desprezo.

A ascensão e intensificação do instinto destrutivo – aniquilador é visto por Nietzsche como a radicalização do niilismo: “o filósofo alemão quer pensar o niilismo até o fim e, radicalizando-o até a catástrofe, quer dele assenhorar-se” (ARALDI, 2004, p. 123). Nessa forma mais extrema e radical do niilismo, todos os valores são vistos como insustentáveis e o

---

<sup>3</sup> O evento decisivo da modernidade é a *morte de Deus*, que, em sua conotação niilista, guia à ruína os valores da tradição que davam um sentido ao mundo. Para o filósofo alemão, esse tema não possui nem o significado de um enunciado metafísico sobre a existência ou não de um ser superior, nem é uma mera expressão literária ou figura estética. A morte de Deus é um evento longamente preparado e necessário no processo de moralização do mundo, que, por fim, ocasiona a derrocada da interpretação moral, que é assumida pelos homens modernos como a perda total de sentido, abrindo um vazio em suas vidas desmundanizadas. É importante ressaltar que, para Nietzsche, a morte de Deus é um acontecimento (Ereigniss) inegável; com ela sucumbe a interpretação moral da existência, apesar dos esforços humanos de conservar os valores antigos. (ARALDI, 2004, p. 68).



nihilismo extremo surge como condição para novas criações: “a criação teria nele o sentido de suprema afirmação da existência”. (ARALDI, 2004, p. 125).

A morte de Deus significa o abandono e a negação de tudo que antes atribuía sentido e segurança para existência humana, a verdade suprema é ignorada e agora o homem caminha eternamente no nada, buscando tornar-se senhor de si mesmo. Contudo, a sabedoria dada ao espírito livre proporciona o rompimento das cadeias do passado conduzindo aos desertos da negação. “O ceticismo não guia somente à filosofia da negação lógica do mundo, mas também à crítica destruidora de todas as produções humanas, de todas as formas humanas de vida, de seus valores e crenças”. (ARALDI, 2004, p. 260).

Para Camus, a conclusão paradoxal de Nietzsche se refere ao fato de que Deus morreu por causa do cristianismo que secularizou o sagrado. Nessa visão, apenas o Deus moral é refutado. O cristianismo ao atribuir um sentido imaginário ao mundo, acredita superar deste modo o nihilismo, entretanto, apenas impede que a humanidade descubra e assuma a responsabilidade de criar um sentido verdadeiro para si mesma. Nesse aspecto, “toda igreja é uma pedra que se coloca no túmulo do homem-deus, ela tenta evitar sua ressurreição à força” (CAMUS, 2018, p. 98):

O nihilismo, quer se manifeste na religião, quer na pregação socialista, é o fim lógico de nossos chamados valores superiores. O espírito livre destruirá tais valores ao denunciar as ilusões sobre as quais repousam, a barganha que implicam e o crime que cometem ao impedir que a inteligência lúcida realize a sua missão: transformar o nihilismo passivo em nihilismo ativo. (CAMUS, 2018, p. 99).

A lucidez do pensamento de Nietzsche, reconhecida no conceito de espírito livre, logo compreendeu que a liberdade de espírito não é confortável, mas é uma grandeza que se obtém através da luta incansável. Ao diagnosticar a morte de Deus, Nietzsche demonstra as implicações derivadas de tal fato:

“Para onde foi Deus?”, gritou ele, “já lhes direi! Nós o matamos – vocês e eu. Somos todos seus assassinos! Mas como fizemos isso? Como conseguimos beber inteiramente o mar? Quem nos deu a esponja para apagar o horizonte? Que fizemos nós, ao desatar a terra do seu sol? Para longe de todos os sóis? Não caímos continuamente? Para trás, para os lados, para a frente, em todas as direções? Existem ainda “em cima” e “embaixo”? Não vagamos como que através de um nada infinito? (NIETZSCHE, 2001, p. 147-148)



Desta forma, a humanidade caminhando sobre o vazio desencadeado pelo nihilismo, depara-se com o absurdo: “O sentimento do absurdo é uma resposta ao nihilismo e um eco tardio da morte de Deus” (MENEZES, 2019, p. 15).

Sobre esse aspecto, André Cancian na obra *O Vazio da Máquina: Nihilismo e outros abismos* (2009), ao tratar sobre o vazio da existência, afirma que somos *filhos legítimos do absurdo*, e deste modo, o problema reside no processo em demonstrar que a existência é vazia, e como humanidade somos o próprio vazio: “O vazio da máquina é a consciência de que nosso mundo subjetivo é uma ficção (...) Bastará que consigamos entender nós próprios como um fato, e o nihilismo se tornará praticamente uma obviedade” (CANCIAN, 2009, p. 09, 15).

O mundo corresponde exatamente ao nihilismo, no qual tudo perde o sentido e a vida fica, por assim dizer, “suspensa no nada”, perfeitamente consciente de si mesma e de sua condição precária. Repudia-se a realidade subjetiva por diferentes motivos, mas chega-se à mesma perspectiva: o abismo nihilista, o óbvio. Claro que encarar a realidade objetiva exige muita coragem, e a maioria dos indivíduos só se torna capaz disso em situações extremas, em que a lucidez é imprescindível. Nas demais situações, vivemos numa espécie de estado de torpor. Isso não é algo necessariamente ruim. A realidade subjetiva pode nos causar sofrimento, mas fugir dela não nos trará consolo algum. Apenas nos fará perceber a verdade com ainda mais dureza. Como não há nada por detrás de nossas ilusões, a lucidez se torna rapidamente insuportável. (CANCIAN, 2009, p. 55-56)

A desmistificação do real que Nietzsche aponta, pode ser encontrada também nas palavras de Cancian, onde se afirma que nada existe além das ilusões criadas pela subjetividade de cada indivíduo, a lucidez acerca da realidade e do nada se torna algo corrosivo, então as pessoas tendem a fugir, e se tornam refugiados em sua subjetividade, o contrário seria justamente a lucidez, tão proclamada por Albert Camus com o absurdo:

Cenários desabarem é coisa que acontece. Acordar, bonde, quatro horas no escritório ou na fábrica, almoço, bonde, quatro horas de trabalho, jantar, sono e segunda terça quarta quinta sexta e sábado no mesmo ritmo, um percurso que transcorre sem problemas a maior parte do tempo. Um belo dia, surge o “porquê” e tudo começa a entrar numa lassidão tingida de assombro. “Começa”, isto é o importante. A lassidão está ao final dos atos de uma vida maquinal, mas inaugura ao mesmo tempo um movimento da consciência. Ela o desperta e provoca sua continuação. A continuação é um retorno inconsciente aos grilhões, ou é o seu despertar definitivo. Depois do despertar vem, com o tempo, a consequência: suicídio ou restabelecimento. (CAMUS, 2019, p. 27-28).



Embora esse tornar-se consciente do absurdo traga desalento, Camus o vê como algo produtivo e, nesse sentido, o absurdo expressa um duplo movimento: de um lado, a constatação pessimista da condição humana resultante da lucidez diante do caráter absurdo dessa experiência, e de outro, o despertar da consciência que indica a necessidade de revolta diante desse “mal” a fim de ressignificar a existência. Vale lembrar que o pessimismo camusiano não é tecido por resignação ou valoração negativa da vida, mas, por meio da revolta, implicará em um lúcido sim à vida (Cf. ALVES, 1998, p. 91). O contrário disso, seria o suicídio físico com a aniquilação do corpo, ou o suicídio filosófico com a aniquilação do intelecto face ao problema do absurdo e do nihilismo. Outro aspecto importante a ser destacado é que o absurdo não é um conceito, mas “um fato de sensibilidade (o “sentimento do absurdo”), uma “paixão” e um mal do espírito (a noção do absurdo) (GUERIN, 2009, p. 9). Camus tenta descrever o absurdo com o intuito de analisar se ele conduz logicamente ao suicídio, entretanto, para ele, o absurdo da vida não conduz a um fim, mas, antes, é apenas o começo. Nesse sentido, “a justificação da vida, apesar do seu absurdo, é o fio condutor do jovem romancista francês. Viver o absurdo, sem pretender fugir dele, é o princípio básico do seu pensamento” (CARVALHO, 2009, p. 80).

Albert Camus entende a absurdidade da existência como fator que traduz lucidez acerca do nihilismo, entretanto, para Camus, não é necessário sucumbir a ele, o pensador franco-argelino traz a ideia de revolta como recusa ao suicídio, enfrentamento do absurdo e superação do nihilismo.

Camus como investigador do absurdo rejeita suas complacências relacionadas ao nihilismo, para aceitar suas exigências: “As exigências do absurdo referem-se ao desafio que o absurdo coloca à suposta racionalidade de nossas crenças morais e políticas, a “condição absurda” concebida como “condição humana”. (FOLEY, 2008, p. 55-56). Camus se mostra determinado a demonstrar que as exigências proclamadas pelo absurdo não resultam em nihilismo, quando se acredita na força do protesto, da revolta, é possível ir além, nesse sentido, ele afirma: “Progredi para além de várias das posições que aqui estão estabelecidas; mas permaneci fiel, parece-me, à exigência que as motivou” (FOLEY, 2008, p. 56). Desta forma, em Camus, a revolta assume o papel de movimento propulsor da mudança em um contexto em que “morto Deus, é preciso mudar e reorganizar o mundo pelas forças do homem” (CAMUS, 2018, p. 148). Na obra *O Homem Revoltado*, Camus escreve um capítulo sobre



*Nietzsche e o Niilismo* e o descreve como um comentário a *Vontade de Poder*. Dessa forma, ao adentrar no pensamento nietzschiano, Camus afirma que para se sustentar no deserto é preciso aprender a subsistir nele, e essa é a busca de Nietzsche.

John Foley na obra *Albert Camus from the Absurd to Revolt*, comenta que o absurdo destrói as suposições ingênuas acerca do mundo, abalando essas convicções, o humano se depara com uma visão desoladora da realidade se sentindo em uma “rua sem saída” no sentido moral ou político, entretanto, o raciocínio absurdo não finda nesse ponto, pois, não é preciso sucumbir ao niilismo quando se acredita na revolta: “Proclamo que não acredito em nada e que tudo é absurdo, mas não posso duvidar da validade da minha proclamação e devo pelo menos acreditar no meu protesto”. (FOLEY, 2008, p. 56). Como um conflito constante ela não vence a impossibilidade ou o abismo, mas se equilibra com eles. A revolta em Camus propõe assim, que “para além do niilismo, todos nós, em meio aos escombros, preparamos um renascimento” (CAMUS, 2018, p. 397).

Camus também comenta sobre a liberdade imaginada para o homem sem Deus, que passa a ser concretizada na história que recebe o “sim”; porém, o humanitarismo surge como um cristianismo privado de justificação superior, preservando as causas finais e rejeitando a causa primeira e, nesse sentido, evadido da prisão de Deus, se constroem novas prisões no âmbito da história e da razão. Essa construção de novas prisões é amplamente demonstrada na fala do *Grande Inquisidor* de Dostoiévski. Camus também reflete sobre esse fato,

Caminha-se rumo a uma escravidão espiritual como nunca se viu antes... O cesarismo intelectual paira acima de toda a atividade dos homens de negócio e dos filósofos”. Colocada no crisol da filosofia nietzschiana, a revolta, em sua loucura de liberdade, culmina no cesarismo biológico ou histórico. O não absoluto levava a Stirner a divinizar simultaneamente o crime e o indivíduo. Mas o sim absoluto acaba universalizando o assassinato e o próprio homem ao mesmo tempo. O marxismo-leninismo realmente aceitou o ônus da vontade de Nietzsche, mediante o desconhecimento de algumas virtudes nietzschianas. O grande rebelde cria, então, com as próprias mãos, para nele se confinar, o reino implacável da necessidade. Tendo escapado da prisão de Deus, sua primeira preocupação será a de construir a prisão da história e da razão, completando assim o escamoteamento e a consagração desse niilismo que Nietzsche pretendeu dominar. (CAMUS, 2018, p. 111).

Na citação acima é possível perceber a dificuldade do humano de se desvincular de suas crenças, mesmo que estas constituam barreiras acerca do olhar consciente para a vida.

Considerando a exposição realizada acerca do problema da absurdidade e do niilismo, é possível perceber que tanto em Nietzsche como em Camus, a arte surge como possível saída





ao problema. Camus foi um estudioso assíduo da obra de Nietzsche: “seu temperamento e sua leitura de Nietzsche nutrem suas suspeitas com relação a toda moral tradicional. Diante da incoerência do mundo, ele crê nos avanços modestos de um pensamento formulável” (TODD, 1998, p. 308). Ele cita diversas vezes, no decorrer de suas obras, o pensamento de Nietzsche, tanto quanto o de Dostoiévski e Kafka, boa parte devido aos problemas trabalhados intensamente por esses pensadores acerca da absurdidade da vida e da lucidez diante desse abismo. Em especial, “uma questão o apaixonava: Como devemos nos conduzir, em geral e durante esses anos obscuros, quando não acreditamos nem em Deus nem na razão?” (TODD, 1998, p. 308), ele acreditava que é preciso reformular e reorganizar o mundo pelas forças do homem.

Diante do problema do absurdo e do nihilismo, a arte é apresentada em ambos os pensadores como possível saída, e na perspectiva de Camus sobre Nietzsche, tornar-se o grande artista implica dizer sim ao mundo, reproduzi-lo de tal modo a redesenhar o mundo e a si mesmo. Nesse sentido, a perspectiva de Nietzsche se resume à palavra criação: “A transmutação dos valores consiste somente em substituir o valor do juiz pelo criador: o respeito e a paixão pelo que existe. A divindade sem imortalidade define a liberdade do criador” (CAMUS, 2018, p. 104). Michel Onfray (2012), relembra que Camus busca pensar uma arte de viver em tempos nihilistas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a morte de Deus, de crenças, de verdade absoluta, deriva o nihilismo que é resultante da morte desses valores, em consequência advém o absurdo, pois embora não exista sentido ou propósito para a vida, o humano ainda anseia por isso. Nesse sentido, Albert Camus se dedica a investigar se a falta de sentido e constatação do vazio e do absurdo resultaria em suicídio. Por fim, ele constata que a falta de sentido não implica em suicídio, uma vez que o sujeito se encontra livre para criar novos mundos por meio da revolta.

Paul Ricoeur, enfatiza que se Camus fala sobre o absurdo é para formular um diagnóstico do seu tempo, pois, para ele, o absurdo é resultante da conquista da consciência moderna: “O importante é partir desse fato clínico para lutar contra os mercadores de morte.



(...) Eis por que o último capítulo do livro se chama “Além do niilismo” (RICOEUR, 1996, p. 82).

O indivíduo que se depara com a ferida fato de separação entre seus desejos e o silêncio do mundo, entende que não pode haver sentido no decorrer dos dias, e que o indivíduo está destinado a morte. Essa consciência surge para aquele que não admite nutrir um olhar de mentiras confortáveis e prefere aderir uma visão sincera sobre si mesmo, mesmo que à custo da solidão. Dessa constatação absurda, em recusa ao suicídio, surge no pensamento de Albert Camus um convite à novas criações, o processo criativo que ocorre nas artes é transposto para a vida. Camus ressalta que o grande estilo não é apenas formal, mas retrata a busca de si mesmo com bases no real, o que se traduz em uma estilização encarnada. Por isso, a verdadeira criação é revolucionária. Para Camus, em meio a séculos de destruições, “querendo ou não, o artista não pode mais ser um solitário, a não ser no triunfo melancólico que deve a todos os seus pares. A arte revoltada também acaba revelando o “Nós existimos” (CAMUS, 2018, p. 357):

Enquanto isso a revolução conquistadora, no desvairo de seu niilismo, ameaça aqueles que, a seu despeito, pretendem manter a unidade na totalidade. Um dos sentidos da história atual, e mais ainda da história de amanhã, é a luta entre os artistas e os novos conquistadores, entre as testemunhas da revolução criadora e os construtores da revolução niilista. Quanto ao resultado da luta, só podemos ter ilusões razoáveis. Pelo menos, sabemos, a partir de agora, que ela deve ser realizada. Os conquistadores modernos podem matar, mas parecem não conseguir criar. Os artistas sabem criar, mas não podem realmente matar. Só como exceção se encontram assassinos entre os artistas. A longo prazo, a arte em nossas sociedades revolucionárias deveria, portanto, morrer. Mas então a revolução terá vivido. Cada vez que ela mata num homem o artista que ele teria poderia ser, ela se extenua um pouco mais. Se, afinal, o mundo se curvasse à lei dos conquistadores, isso não provaria que a quantidade é soberana, e sim que este mundo é inferno. Neste inferno mesmo, o lugar da arte coincidiria ainda com o da revolta vencida, esperança cega e vazia na profundidade dos dias desesperados. Ernst Dwingler, em seu Diário Siberiano, fala desse tenente alemão que, há anos prisioneiro em um campo no qual reinavam o frio e a fome, construirá pra si, com teclas de madeira, um piano silencioso. Lá, naquele amontoado de miséria, em meio a uma multidão esfarrapada, ele compunha uma estranha música que só ele escutava. Desta forma, lançados ao inferno, misteriosas melodias e imagens cruéis da beleza esquecida nos trariam sempre, em meio ao crime e à loucura, o eco dessa insurreição harmoniosa, que comprova ao longo dos séculos a grandeza humana. (CAMUS, 2018, p. 357-358).

Apesar do cenário decadente, a arte pode trazer beleza e recusar as misérias da vida, assim como trouxe ao personagem de Ernst Dwingler citado acima por Camus, a respeito de



um novo recomeço, é preciso então que os indivíduos assumam a responsabilidade em criar uma história à imagem do verdadeiro e contrária à tirania.

Nesse contexto, face ao sofrimento causado ao humano pela lucidez acerca do problema do absurdo e do nihilismo é que seria pensado a arte tanto em Nietzsche como em Albert Camus como possível saída. Dessa forma, demonstrou-se o modo como o nihilismo e a arte estão conectados tanto em Nietzsche quanto em Albert Camus, pois, em ambos os pensadores a arte é apresentada como um antídoto contra o nihilismo,

## REFERÊNCIAS

ARALDI, Clademir. *Nihilismo, Criação, Aniquilamento - Nietzsche e a Filosofia dos Extremos*. 1ª ed. Editora: Unijuí, 2004.

BRAGA, Antonio Carlos. *Nietzsche: O filósofo do nihilismo e do eterno retorno*. São Paulo: Editora Escala, 2011.

CAMUS, Albert. *Nietzsche e a Música*. In: *Escritos de Juventude*. Edição: Livros do Brasil – Lisboa, 1972.

CAMUS, Albert. *O Homem Revoltado*. Trad. Valerie Rumjanek. – 12ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2018.

CAMUS, Albert. *O Mito de Sísifo*. Trad. Ari Roitman, 16 ed. Paulina Watch. – Rio de Janeiro: Record, 2019.

CARVALHO, José Jacson Carneiro. *Albert Camus: Tragédia do Absurdo*. João Pessoa: Ideia, 2009.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Os irmãos Karamázov*. Trad. Herculano Villas Boas. 1ª ed. Editora: Martin Claret, 2013.

FOLEY, John. *Albert Camus: From the Absurd to Revolt*. Routledge; 1ª edição, 2008.

GUERIN, Jeanyves. *Dictionnaire Albert Camus*. 1ªed. Editora: Robert Laffont, 2009.

LEFRANC, Jean. *Comprender Nietzsche*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

MARTON, Scarlett. *Nietzsche: a transvaloração dos valores*. São Paulo: Moderna, 1993.

MARTON, Scarlett. Prefácio. In: MÜLLER-LAUTER, Wolfgang. *A doutrina da vontade de poder em Nietzsche*. São Paulo: Annablume, 1997.

Revista Paranaense de Filosofia, v. 2, n. 2, p. 124 – 135, Jul./Dez., 2022.

ISSN: 2763-9657

Universidade Estadual do Paraná



MENEZES, Rafael Pereira. *Mito, Tragédia e Repetição na arte de Albert Camus*. (Tese de doutorado) 2019.

MELANÇON, Marcel. *Albert Camus: analyse de sa pensée*. Suisse: Les Éditions universitaire Fribourg, 1976.

NIETZSCHE, Friedrich. *Além do Bem e do Mal: Prelúdio de uma filosofia do futuro*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2005.

NIETZSCHE, Friedrich. *A Gaia Ciência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

NIETZSCHE, Friedrich. *O nihilismo europeu*. Seleção, apresentação e tradução: Noéli Correia de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro – v. 8 – nº 21 – p. 5 a 23 – julho / dezembro 2003.

OLIVEIRA, Jelson. *A solidão como virtude moral em Nietzsche*. Curitiba: Champagnat, 2010.

OLIVEIRA, Jelson. *Para uma ética da amizade em Friedrich Nietzsche*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2011.

ONFRAY, Michel. *L'Ordre libertaire. La vie philosophique d'Albert Camus*. Flammarion, 2012.

PINTO, Manuel da Costa. *Paisagens interiores e outros ensaios*. São Paulo: B 4 Editores, 2012.

RICOEUR, Paul. *A região dos filósofos*. Trad. Marcelo Perine e Nicolás Nyimi Campanário, São Paulo: Loyola, 1996.

TDD, Olivier. *Albert Camus: Uma vida*. Rio de Janeiro: Record, 1998.

VEIT, Walter. *Existential Nihilism: The Only Really Serious Philosophical Problem*. Journal of Camus Studies. 2018

VOLPI, Franco. *O Nihilismo*. Rio de Janeiro: Editora Loyola, 1999.

---

*Recebido: 30/07/2022*

*Aprovado: 24/08/2022*